

O Trauma Primordial na Dialética do Representável e do Irrepresentável

Ana Paula Terra Machado

Psicóloga; Membro pleno do
Centro de Estudos Psicanalíticos
de Porto Alegre; Psicanalista
Membro Associado da Sociedade
Brasileira de Psicanálise
de Porto Alegre.

Ignácio Alves Paim Filho

Médico; Membro Pleno do Centro
de Estudos Psicanalíticos de Porto
Alegre; Candidato do Instituto de
Psicanálise da Sociedade Brasileira
de Psicanálise de Porto Alegre.

O que se segue é especulação, amiúde especulação forçada, que o leitor tomará em consideração ou porá de lado, de acordo com sua predileção individual. É mais uma tentativa de acompanhar uma idéia sistematicamente, só por curiosidade de ver até onde ela levará. (FREUD, 1920, p.39)

Acompanhados pelas palavras de Freud, sentimo-nos estimulados e com o desejo de especular sobre um conceito, uma idéia com a pretensão de redimensionarmos o lugar da teoria do trauma. O trauma que carrega consigo a marca de algo conhecido e ao mesmo tempo desconhecido, suscitando questionamentos, com uma rara capacidade de

alojar e desalojar os nossos conhecimentos.

Com a meta de revisitarmos o pensamento freudiano sobre esse tema, partimos de uma fração de tempo, 1892 a 2005, na qual encontramos o desenrolar de uma história que julgamos fazer parte da essência da psicanálise, a história do trauma. Sabemos que Freud inicia suas investigações com pacientes histéricas, seguindo o caminho de Charcot e Breuer; naquele momento, o trauma sexual infantil é considerado o agente causador das neuroses, enfatizado em 1893 na célebre frase: “Os histéricos sofrem principalmente de reminiscências”. Assim, a partir da escuta das suas histéricas vienenses, Freud postulou suas concepções iniciais sobre o funcionamento mental, tendo no trauma real o agente etiológico *princeps* da histeria.

O trauma se configuraria um evento de caráter sexual, uma sedução experienciada precocemente, permanecendo seu registro no inconsciente, sem entretanto ter significado, devido à imaturidade e à incapacidade de quem sofreu a sedução. Num segundo momento, diante de outra cena, que não necessariamente sexual, haveria uma ligação com a situação precedente, desencadeando o afeto até então inconsciente, gerando angústia e sintomas. A eclosão do trauma se daria *a posteriori* (*nachträglichkeit*), conceito introduzido e desenvolvido por Freud no *Projeto* (1950[1895]), no caso Emma, que abre caminho para a compreensão de como acontecimentos de um outro tempo, o atual, podem de maneira retroativa, através das ligações representacionais, ter significado ou novo significado, assumindo então um caráter traumático.

Alguns anos depois, na conhecida *Carta n° 69 a Fliess*, de 21/09/1897, Freud (1950[1892-1899]) diz não acreditar mais na sua neurótica, renunciando à teoria da sedução infantil traumática, enquanto ligada ao que foi vivenciado, aos fatos propriamente ditos. Esse momento é um divisor de águas no pensar freudiano, o que permitiu emergir o novo, a idéia de uma realidade psíquica permeada pelo mundo pulsional e pelas fantasias, podendo estas, também, ter efeitos traumáticos, como, por exemplo, o complexo da castração (1908), abrindo um novo caminho à compreensão do

trauma. Nesse sentido, amplia-se a noção de causa e efeito, e o mundo fantasmático passa a ocupar um espaço determinante, junto das vivências, no que se refere ao trauma no psiquismo. É importante ressaltar que a noção de trauma acompanha os desenvolvimentos teóricos até o final da obra freudiana, sofrendo modificações e, sobretudo, se complexizando.

Esse entendimento do trauma oriundo da confluência tanto do externo quanto do interno resulta nas séries complementares propostas nas *Conferências Introdutórias* (1916/1917), nas quais as vivências individuais unem-se às fantasias primitivas, resultando daí as características próprias de cada indivíduo. Essas Conferências foram produzidas em meio aos horrores da Primeira Guerra, e essa realidade se impôs na vida diária da família Freud. Provavelmente, os acontecimentos o mobilizaram para que passasse a refletir sobre as repercussões psíquicas dessas vivências traumáticas. As chamadas neuroses de guerra são equiparadas às neuroses traumáticas, em que o perigo externo desencadeia o traumático. Na Conferência XVIII é estabelecida uma conexão entre neuroses traumáticas e as demais neuroses, em que a fixação ao trauma também está presente. “Assim, a neurose poderia equivaler a uma doença traumática e apareceria em virtude da incapacidade de lidar com a experiência cujo tom afetivo fosse excessivamente intenso”, afirma Freud (p.325). Essa idéia remete ao aspecto econômico que é salientado quando coloca: “Realmente o termo traumático não tem outro sentido senão o sentido econômico” (p.325).

Como estamos vendo, Freud teve uma vida marcada por um interrogar-se constante e chega aos anos vinte inquieto, preocupado com a questão da destrutividade humana. Sua clínica lhe questionava a validade do seu método, como, por exemplo, seu mais célebre caso: o *Homem dos Lobos*, que retorna para tratamento em 1918, denunciando uma repetição. Repetição esta que põe em cheque um dos pilares metapsicológicos centrais do pensamento freudiano: o princípio do prazer. Parece-nos que essas questões influenciaram Freud a reformular a sua teoria pulsional, postulando um além do princípio do prazer que terá como dualismo pulsional a **pulsão de morte** versus a **pulsão de vida**. A tese desse além se utilizaria

especialmente dos sonhos típicos das neuroses traumáticas, que não obedecem ao princípio do prazer, mas sim à compulsão à repetição, oriunda desse traumático que o psiquismo não consegue elaborar, denunciando a força da pulsão de morte, excedente pulsional que não consegue fazer ligações psíquicas.

Com o advento da pulsão de morte, Freud reencontrou um lugar para o não-sexual no psiquismo, lugar que tinha se perdido em 1914, no texto sobre o narcisismo, em que tudo havia sido libidinizado, em que o dualismo se dá entre a **libido do eu** versus a **libido objetal**. A pulsão passa a circular dentro da psique como uma força disjuntiva, uma intensidade que invade o psiquismo, fazendo Freud retomar o seu interesse a respeito do **trauma**.

A pulsão de morte, conceito introduzido em 1920, remeterá ao lugar do caos, da não-ordem, da destrutividade, e só temos acesso a ela via pulsão sexual. A pulsão sexual segue inerente ao campo representacional, é produto de um trabalho psíquico, constituída a partir do encontro com o objeto.

O trauma ressurge intimamente ligado ao novo postulado pulsional, porém é em 1926, em *Inibições, Sintomas e Ansiedade*, que ele se torna fundamental para a metapsicologia freudiana. Constitutivo do psiquismo, tem como seu porta-voz a angústia. A partir desse artigo teremos o nascimento da segunda teoria da angústia, que passa a ser a responsável pela criação do recalque. Isso nos autoriza a dizer que sem trauma e angústia não há recalque, sendo um dado importante diante das patologias atuais, em que o traumático não se faz presente pela angústia, mas sim pelo vazio.

Reafirmamos, o trauma é produto da inundação do aparelho psíquico que provoca uma ruptura das barreiras antiestímulo, criando um estado de tensão gerador de ansiedade. A incapacidade para lidar com essa situação remete ao desamparo original (*hilflosigkeit*), reeditando o desvalimento infantil, quando o psiquismo ainda incipiente e em formação não tem condições de metabolizar as intensidades que o assolam. O estado de desamparo é protótipo da situação traumática que desencadeia uma ansiedade

automática que será revivida sob a forma de ansiedade sinal, quando detectada uma situação de perigo que ameace o ego. Eis o que Freud (1926, p.192) nos relata:

Seguindo essa seqüência ansiedade-perigo-desamparo (trauma) podemos agora resumir o que se disse. Uma situação de perigo é uma situação reconhecida, lembrada e esperada de desamparo. A ansiedade é a reação original ao desamparo no trauma, sendo reproduzida depois da situação de perigo como sinal de busca de ajuda. O ego, que experimentou o trauma passivamente, agora o repete ativamente, em versão enfraquecida, na esperança de ser ele próprio capaz de dirigir seu curso.

Entretanto, o que estabelece a condição de perigo está relacionado às intensidades e ao modo como se dará seu registro no psiquismo. Os perigos que podem resultar numa situação traumática envolvem as perdas inerentes ao desenvolvimento, iniciando com a situação de nascimento e as demais experiências de separação que o sujeito enfrenta no decorrer da vida. Dentro desse contexto, o traumático é intrínseco à própria condição humana, assumindo em cada indivíduo seus contornos particulares, individuais.

Agregariamos a esses dois clássicos, *Além do Princípio do Prazer* (1920) e *Inibições, Sintomas e Ansiedade* (1926), um terceiro, *O Mal-Estar na Civilização* (1930), no qual encontramos uma espécie de fechamento da década, em que o novo postulado pulsional vai ser reconhecido de forma explícita, como a mola propulsora do psiquismo, com toda a sua força disruptiva. Freud (1930, p.142) comenta: “A pulsão de morte é a pulsão por excelência”, e segue dizendo, “não posso mais entender como podemos ter desprezado a ubiqüidade da agressividade e da destrutividade não eróticas e falhado em conceder-lhe o devido lugar em nossa interpretação da vida”.

Após esse breve percorrido pelo pensamento metapsicológico freudiano acerca do trauma, vejamos como podemos esboçar uma possível trajetória para as suas vicissitudes, relacionando-o com as patologias da

contemporaneidade. Em nossa clínica cotidiana nos deparamos com muitos interrogantes, que têm recebido os mais variados nomes: patologias atuais, patologias do vazio, clínica do negativo, o vazio na neurose e, principalmente, a questão da psicossomática, que segue sendo um enigma que clama por um deciframento metapsicológico, em que o corpo tem de dar conta das intensidades que o psiquismo não consegue elaborar. Parece-nos que o traço comum entre elas é um aquém da representação. Portanto, movidos por esses interrogantes nascidos a partir das inquietudes do criador da psicanálise e pelas peculiaridades do nosso tempo, pretendemos nos aventurar numa especulação do irrepresentável e do representável, na busca de construir uma hipótese metapsicológica do trauma como elemento fundante da psique.

Acreditamos que, para isso, teremos de nos inquirir sobre os construtos do psiquismo. Façamos um recuo do tempo presente para o tempo das origens, anterior ao recalçamento originário, tempo de criação do **inconsciente que nunca foi consciente (inconsciente originário)**, baseado nas intensidades das mais primitivas inscrições psíquicas que provocam um trauma primordial, percebido pela repetição oriunda da pulsão de morte.

Iremos nos ocupar justamente dessas inscrições primordiais, marcas de um processo energético, nomeadas por Freud na Carta 52 (1896) de indicadores de percepção que ligamos à idéia de **impressões**: “é o primeiro registro das percepções; é praticamente incapaz de assomar à consciência e se dispõe conforme as associações por simultaneidade” (p.282). Esse conceito reaparece em vários momentos de sua obra, sempre vinculado aos primórdios, como em *Leonardo da Vinci e uma Lembrança da sua Infância* (1910), na qual temos as **impressões** ligadas à presença do seio materno, “a cauda do pássaro em sua boca”. No caso de *O Homem dos Lobos* (1918/1914), temos referências às **impressões** relacionadas à cena primária como algo passado que não pode ser lembrado, apenas construído. Finalmente em 1939, em *Moisés e o Monoteísmo*, Freud relaciona a gênese da neurose com as **impressões** infantis muito precoces.

Assim sendo, postulamos que, através do binômio: **pulsão de morte-**

impressões (afirmação-expulsão), podemos construir um pensar sobre o trauma primordial na dialética do representável e do irrepresentável. Nesse sentido, na Conferência XXXII, de 1932 (p.118), Freud coloca: “É apenas a magnitude da soma de excitação que transforma uma **impressão** em momento traumático, paralisa a função do princípio do prazer e confere à situação de perigo sua importância”.

Com o objetivo de uma melhor contextualização desses primórdios, nos remetemos ao texto freudiano *A Negativa* (1925) e às idéias de Garcia-Roza (1986) sobre esse tema, estabelecendo uma articulação das idéias de Freud, Hegel e Jean Hyppollite. Refletindo sobre essas idéias, partimos de Hegel, que em 1807 introduz no pensamento filosófico a categoria ontológica da negatividade, sendo esta considerada a própria essência do ser. Hegel afirma que o sujeito tem seu fundamento na negatividade; pensa que o homem rompe com o natural, vindo a constituir-se, justamente, por essa negação do natural. Garcia-Roza (1986, p.101), comentando o pensamento hegeliano, nos diz: “O sujeito desse discurso encontra seu fundamento na negatividade; é ao negar a natureza, assimilando-a e transformando-a, que o homem se constitui como homem. A negatividade aparece como ação do homem sobre a natureza, ação criadora porque negadora do dado”.

Hyppollite, referindo-se ao texto freudiano *A Negativa*, no Apêndice I dos Escritos de J. Lacan (1998), faz algumas ligações entre o pensamento de Freud e Hegel. Ressalta a importância no pensar de Freud da palavra dialética de Hegel *Aufhebung*, que tem duplicidade de sentido: negar, suprimir, e conservar, caracterizando que algo é negado e ao mesmo tempo mantido. Esse raciocínio é fundamental na sustentação do sujeito psíquico freudiano, ficando exemplificado nos destinos da pulsão, que são modos de satisfação da demanda (conservar) e ao mesmo tempo uma defesa diante do poder da força pulsional (negar). Portanto, podemos dizer que o postulado de um trauma primordial inerente a todo sujeito está ligado à impossibilidade em suas origens de negatar as intensidades das suas pulsões, devido à fragilidade do humano, em meio à natureza da qual é oriundo –

recordando que o trauma, em Freud, sempre ficou ligado a uma quantidade pulsional não assimilável pela psique. Assim, nas origens de um ser desamparado em termos biológicos e psíquicos, é inevitável que o pulsional seja sempre traumático.

Seguindo o percurso proposto por Hyppollite, Garcia-Roza postula a idéia de uma “*Aufhebung* freudiana”, ou seja, modos de negativar a força da pulsão, no seu duplo aspecto de suprimir e conservar. Essa força do negativo na obra de Freud é encontrada na construção de conceitos fundamentais, tais como: recalçamento (*verdrängung*), negação (*verneinung*), desmentida (*verleugnung*) e forclusão (*verwerfung*). É importante salientar que são as forças primordiais – afirmação e expulsão – as responsáveis pelo estabelecimento e articulação dessas operações no aparelho psíquico. Para que seja sustentável essa dupla ação (suprimir e conservar), é necessário um trabalho de transformação nomeado por autores contemporâneos, como Garcia-Roza (1986) e André Green (1977), de *Trabalho do Negativo*. Esse trabalho é o responsável pelo desligamento da pulsão do objeto, vinculado à idéia da pulsão de morte, pois esse ato de desligar possibilita a criação de um espaço e de um tempo que busca novo destino para a meta pulsional. Em síntese, a dinâmica do negativo se faz em duas etapas: inicialmente, ocorre um desligamento, através das forças negativadoras, à demanda pulsional; posteriormente, essa energia pulsional liberada poderá ter como destino novas ligações ou manter-se pulsando como intensidade não ligada. Assim sendo, o “trabalho do negativo” transita desde um pólo estruturante (representacional), ligado às vicissitudes da forclusão (o mais primitivo/representação de coisa), ao recalçamento (mais evoluído/representação de palavra e de objeto), em que temos uma boa sintonia entre a pulsão de vida e de morte e um pólo não estruturante, relacionado à expulsão primordial (irrepresentável), marcado pela força da pulsão de morte, porque não há ligação, em detrimento da pulsão de vida.

Hyppollite, refletindo acerca dessas forças primordiais, faz a seguinte assertiva: “a afirmação primordial não é outra coisa senão afirmar, mas negar é mais que querer destruir” (LACAN, 1998, p.898). Remetendo-nos

aos princípios de que a afirmação por si só é indeterminada e não produz diferenças e de que a negação (enquanto derivada da expulsão) produz ruptura (algo é destruído) e ao mesmo tempo cria uma afirmação, pois toda a negação é feita em relação a algo, tais princípios nos ajudam a compreender a teoria dos juízos (atribuição e existência), concebida por Freud como derivada dessas forças primordiais.

Após esse recorte do pensamento de Garcia-Roza, vamos nos dedicar especificamente aos derivados do seguinte dizer de Freud (1925, p. 300) (tentando fazer uma ligação com o discurso de Hyppollite): “A afirmação – como substituto da união – pertence a Eros; a negativa – o sucessor da expulsão – pertence à pulsão de destruição”. Em cima desse aporte teórico, teremos a formulação de dois princípios fundamentais: a “afirmação primordial” (*Bejahung*), que tem a característica de ser indeterminada, e a “expulsão primordial” (*Ausstossung*), que vai possibilitar a criação da negação determinada. Do que se está falando quando evocamos esse tempo primordial marcado pela expulsão e afirmação? Pensamos num tempo mítico, quando a relação mãe-bebê é marcada por uma indiferenciação originária, na qual a natureza se faz presente com toda a sua plenitude, revelando o acontecer da afirmação primordial com toda a sua indeterminação. Essa cena mãe-bebê simplesmente é uma totalidade em si. É somente pela ação da negação determinada que esse *dado*, esse *natural* vai ser transformado, pois a expulsão, enquanto antecessora da negação, vai começar a estabelecer diferenças: primeiro entre o dentro e o fora (ação muscular), sendo por esse movimento que o externo é criado; depois com a negação, se fazendo presente através da transformação no contrário, e o retorno sobre si mesmo, teremos a diferenciação entre o bom e o mau (atribuição); e, por último, com o advento do recalçamento originário (a grande marca da negação), o sujeito estará apto a diferenciar a percepção da alucinação (existência).

É nessa dialética entre a **afirmação** e a **expulsão** que vai se dar o trabalho do negativo, que consiste na criação de uma afirmação determinada a partir da ação da negação determinada. Poderíamos citar, a título de

exemplo, o recalçamento como uma negação determinada que gera uma afirmação determinada, ou seja, o desejo recalçado, que pode se fazer conhecer pelo “**não**”.

Como dissemos acima, guiados por Freud, existem dois destinos pulsionais que são anteriores ao recalque: a transformação no contrário e retorno sobre si mesmo. Esses dados nos possibilitam pensar em um mundo psíquico que vai se iniciando antes mesmo da criação do inconsciente, pois é a partir do recalçamento originário que se estabelece o inconsciente. Diante desse fato, que mundo psíquico seria esse anterior ao recalçamento originário? Pensamos no **inconsciente que nunca foi consciente** (inconsciente originário), que é produto de um paradoxo, pois, à medida que vai nascendo, cria e é criado pelo espaço psíquico. Pensamos ser essa uma pré-condição ao que Green (1977) chamou de *Alucinação Negativa*, que é uma capacidade da criança de negativar a presença do objeto primário – a mãe. Esse pensador vê nesse processo alucinatório um fator enquadrante da psique, que dá condições para o acontecer das representações.

Ao propormos a idéia de um inconsciente originário, estamos partindo de uma passividade, anterior à atividade, em que o bebê humano, antes de ser sujeito, é objeto, sendo essa condição dos primórdios, o que possibilita a criação de um espaço psíquico em que possam acontecer as primeiras inscrições, **impressões**, advindas desses clamores pulsionais (do sujeito e do objeto).

Portanto, postulamos que a topografia das origens, do vir a ser humano, caracteriza-se por um ir albergando as **impressões**, que vão gestando o **inconsciente que nunca foi consciente**, ligado ao **eu-realidade originária**, que tem no par das forças primárias **afirmação-expulsão** o movimento que faz a distinção entre o interno (eu) e o externo (não eu). Devemos lembrar que esse processo, que é anterior à criação dos juízos de atribuição e de existência, Freud relaciona com o movimento muscular, o que nos faz reafirmar que a expulsão é uma espécie de ponto de partida que estabelece a saída de um estado de pura pulsão de indiferenciação mãe/bebê, inaugurando o externo. A partir de então, começam a se estabelecer binômios

evolutivos, que carregam uma antítese e uma complementaridade, tais como: interno-externo, fusão-desfusão, introjeção-expulsão, afirmação-negação, pulsão de morte-pulsão de vida. Esse tempo primeiro, onde a pulsão marca sua presença no leito desse inconsciente via impressões, vai inaugurar nesse psiquismo incipiente a marca de uma ferida/trauma geradora de uma angústia originária que põe em ação o recalçamento originário, que será ressignificada num segundo tempo diante da angústia de castrição que aciona o recalçamento propriamente dito. Esses elementos nos indicam um possível caminho para pensarmos na gênese do trauma primordial.

Na relação entre **o inconsciente que nunca foi consciente** e o **eu realidade originária** vai se dar o **trabalho do negativo**, que visa instrumentalizar as condições de **figurabilidade** (o alucinatório de GREEN, 1977, e dos BOTELLA, 2002), que propiciarão as retranscrições e rearranjos para que as impressões desse trauma primordial possam, dentro de uma hipótese topográfica, tornar-se traço e depois representação, vindo a constituir o mundo do inconsciente, atravessado pelo recalçamento. Em síntese, estamos dizendo que uma parte das impressões primordiais terá como destino o universo das representações vinculadas à pulsão sexual; outra parte, pela impossibilidade de ser transformada, a partir do trabalho do negativo, devido a sua intensidade, ficará no núcleo desse inconsciente das origens, marcada pelo inominável, pelo indizível, ou seja, pelo irrepresentável, num eterno pulsar.

Fazendo analogia com o **trabalho do sonho**, que é fruto do desejo do inconsciente recalçado, e com o **trabalho do negativo**, que é o responsável pela complexidade que vai adquirindo o aparelho psíquico, poderíamos dizer que, no trabalho do sonho, temos **palavras** buscando recriar **imagens**, num processo em que é desinvestida a representação da palavra e reinvestida a representação da coisa, rumo à percepção/soma, num movimento regressivo; no trabalho do negativo, temos viabilizadas as condições energéticas (pelo desligamento) para que as impressões busquem **criar imagens** que possam ser capturadas pela força do desejo recalçado,

num movimento progressivo rumo a percepção/consciência. Com isso, teríamos que a meta final desses trabalhos seria a percepção, tendo nesta o motor das transformações psíquicas. Esse pode ser um possível trajeto para pensarmos a contratransferência imaginativa (GREEN/BOTELLA); uma forma de comunicação entre o inconsciente que nunca foi consciente, mundo do irrepresentável do analisando, que, através do eterno trabalho do negativo, busca um destinatário, um analista, capaz, com o seu aparelho psíquico, via percepção, de construir uma cena, uma imagem, para poder contar uma história sobre essas marcas que pulsam no silêncio do mais aquém, na medida em que o psiquismo se constitui e se organiza a partir das percepções-alucinações-representações.

De posse dessas especulações teóricas, podemos tecer o seguinte enunciado, que poderia dar sustentação a uma metapsicologia do trauma: a partir da noção de impressão, proposta por Freud como indicadora da percepção, como uma marca primeva da constituição do psíquico, construímos o postulado de que essas impressões são a inscrição da pulsão no inconsciente que nunca foi consciente (o não-recalcado), gerando um trauma primordial estruturante e não estruturante.

Esse trauma terá dois destinos: o estruturante, que traz a marca do intercâmbio da “afirmação primordial” e da “expulsão primordial”, força essa (expulsão primordial) que irá fazer o seu percurso até atingir o *status* de negação. Temos aqui uma percepção ligada a um conteúdo traumático, a sedução do *infans* pelo objeto primário, que podemos relacionar com os significantes enigmáticos de Laplanche (1988) e com a violência primária de Piera Aulagnier (1979). Esse arcaico vai buscar criar o caminho representacional, simbólico, ligado às leis do inconsciente recalcado. Assim sendo, o trabalho da análise se faz, preferencialmente, via interpretação, buscando um sentido perdido, um (re)conhecimento do inconsciente pelo eu percepção.

O outro destino refere-se a uma intensidade não estruturante (uma força negativadora), marcada pela ação da “expulsão primordial”, sem produzir uma “afirmação determinada”, pois a negação não se constituirá, acar-

retando uma impossibilidade de se fazer representar, caracterizada por “uma ausência de conteúdo na percepção e não de uma percepção de conteúdo traumático” (BOTELLA; BOTELLA, 2002, p.189), em que teremos uma não-história, não havendo o que ser recordado, pois não se trata de um sentido perdido, mas sim de uma ausência de sentido, ou melhor, da presença do sentido tanático da pulsão de morte, que se faz presente numa comunicação em atos, no corpo, na cultura. Portanto, esse trauma não obedece à lei freudiana dos dois tempos, não está relacionado com a resignificação. Diante dessa ausência de história, a tarefa analítica consiste essencialmente na construção de um sentido, de um possível conhecer sobre esse inconsciente que nunca foi consciente, a partir desse trauma primordial irrepresentável.

Destarte, temos nesse trauma primordial não estruturante a gênese do irrepresentável, que está alojado topograficamente no inconsciente que nunca foi consciente, que ao não se subordinar ao trabalho do negativo, enquanto agente de transformação, vai se presentificar para o sujeito falante através da mudez e da força demoníaca da pulsão de destruição, que tem como mola propulsora a **expulsão**, que produzirá uma repetição aquém da palavra. Ao entendermos, nessa repetição, uma forma de comunicação, poderíamos dizer que essa repetição é uma expectativa de galgar a **percepção/consciência** para adentrar no mundo das **representações**. Seguindo os pensamentos de Freud (1925, p.298), sabemos que “todas as **representações** se originam de **percepções** e são repetições dessas”. Assim sendo, é imprescindível que uma marca mnêmica passe pela percepção do sujeito e/ou do outro para se constituir representação.

Diante dessa concepção, vemos um novo desafio para e na contemporaneidade, que se anuncia na inter-relação entre o irrepresentável-representável, tendo como um dos elos de transformação a percepção. Pensamos que é sobre esse enigma, da percepção, que escrevem os Botella (2002), quando falam da necessidade de se construir uma metapsicologia da percepção, partindo da tese freudiana de que, “para o ego, a percepção desempenha o papel que no id cabe à pulsão” (FREUD, 1923, p.39).

Concluindo, a partir do trauma sexual infantil, Freud começa a construir a teoria das neuroses e, conseqüentemente, do sujeito, que terá como eixo fundante o inconsciente recalçado, o desejo infantil (parricida e incestuoso) e as suas vicissitudes representacionais, tendo no traumático primordial sexual uma história permeada pela percepção-alucinação-representação. Enquanto o trauma primordial não sexual, vinculado ao irrepresentável, a um inconsciente não recalçado, mantém-se excluído da dinâmica do recalçamento, permanecendo essencialmente como trauma, muito próximo da própria pulsão, evidenciando o tanático, o primado das intensidades onde a percepção não tem ação. Essa dialética entre o representável e o não representável, tendo como origem o trauma primordial, demarca um caminho para pensarmos nas patologias e na constituição do sujeito desses novos tempos.

Resumo

De acordo com os textos freudianos sobre trauma e a noção de negatividade, os autores se propõem a pensar a gênese do irrepresentável a partir da idéia de um trauma primordial que será estruturante ou não estruturante do psiquismo. O trauma dito estruturante trilhará o caminho das representações e estará submetido ao recalçamento, enquanto o não estruturante permanece no inconsciente não recalçado, marcado pelo inominável. O destino do traumático está relacionado ao par expulsão-afirmação primordial que possibilitará a ação da negatividade. Quando esta não opera, as intensidades permanecem no núcleo do inconsciente sem possibilidade de representação. Essa hipótese das origens do irrepresentável é um caminho para a compreensão das patologias da contemporaneidade.

Palavras-chave

Trauma primordial. Representável. Irrepresentável. Negatividade.

Abstract

The Primordial Trauma in the Dialectic of the Representable and the Unrepresentable

According to Freudian's texts, about trauma and the negativity's notion, the authors propose to analyse the irrepresentable, supporting the hypothesis of a primordial trauma that will be structuring or not structuring the psychism. The structuring trauma will follow the representability and will be submitted to repression, while the not structuring stays at the not repressed unconscious. The traumatic destiny is related to the primordial expulsion-affirmation that will make possible the negativity action. When this does not work, the intensities rest on the unconscious without presentation possibility. This hypothesis of the origins of the irrepresentable is a way to understand the contemporaries pathologies.

Key-words

Primordial trauma. Representable. Irrepresentable. Negativity.

Resumen

El Trauma Primordial en la Dialéctica de lo Representable y de lo Irrepresentable

De acuerdo con los textos freudianos sobre trauma y la noción de negatividad, los autores se proponen pensar la génesis de lo irrepresentable a partir de la idea de un trauma primordial que será estructurante o no estructurante del psiquismo. El trauma dicho estructurante seguirá el camino de las representaciones y estará sometido a la represión, mientras lo no estructurante permanece en el inconsciente no reprimido, marcado por lo innombrable. El destino de lo traumático está relacionado al par expulsión-affirmación primordial que posibilitará la acción de la negatividad. Cuando esta no opera, las intensidades permanecen en el núcleo de lo inconsciente sin posibilidad de representación. Esa hipótesis de los orígenes de lo irrepresentable es un camino para la comprensión de las patologías de la contemporaneidad.

Palabras-llave

Trauma primordial. Representable. Irrepresentable. Negatividad.

Referências

- AULAGNIER, P. **A Violência da Interpretação: do pictograma ao enunciado.** Rio de Janeiro: Imago, 1979.
- BOTELLA, C.; BOTELLA, S. **Irrepresentável mais Além da Representação.** Porto Alegre: Criação Humana, 2002.
- FREUD, S. (1893). Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: comunicação preliminar. In: _____. **Obras Completas.** Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. 2.
- _____. (1908). Sobre as teorias sexuais das crianças. In: _____. **Obras Completas.** Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. 9.
- _____. (1910). Uma lembrança infantil de Leonardo Da Vinci. In: _____. **Obras Completas.** Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. 11.
- _____. (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. In: _____. **Obras Completas.** Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. 14.
- _____. (1916-1917[1915-1917]). Conferências introdutórias sobre psicanálise. In: _____. **Obras Completas.** Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. 15.
- _____. (1918-1914). O homem dos lobos. In: _____. **Obras Completas.** Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- _____. (1920). Além do princípio do prazer. In: _____. **Obras Completas.** Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. 18.
- _____. (1923). O ego e o id. In: _____. **Obras Completas.** Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. 19.
- _____. (1925). A negativa. In: _____. **Obras Completas.** Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. 19.
- _____. (1926). Inibições, sintomas e ansiedade. In: _____. **Obras Completas.** Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. 20.
- _____. (1939). Moisés e o monoteísmo. In: _____. **Obras Completas.** Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. 23.
- _____. (1930[1929]). O mal-estar na civilização. In: _____. **Obras Completas.** Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. 21.
- _____. (1933[1932]). Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. In: _____. **Obras Completas.** Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. 22.
- _____. (1950[1892-1899]). Extratos dos documentos dirigidos a Fliess: Carta 52. In: _____. **Obras Completas.** Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. 1.
- _____. (1950[1892-1899]). Extratos dos documentos dirigidos a Fliess: Carta 69. In: _____. **Obras Completas.** Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. 1.
- _____. (1950[1895]). Projeto para uma psicologia científica. In: _____. **Obras Completas.** Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. 1.

GARCIA-ROZA, L.A. (1986). **Acaso e Repetição em Psicanálise**: uma introdução à teoria das pulsões. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

GREEN, A. (1977). La alucinación negativa. In: _____. **El trabajo de lo negativo**. Buenos Aires: Amorrortu, 1993.

LACAN, J. Comentário falado sobre a “verneinung” de Freud por Jean Hypollite. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

Ensaio

Copyright © *Psicanálise* – Revista da SBPdePA

Dra. Ana Paula Terra Machado

Rua Florêncio Ygartua, 271/402
90430-010 Porto Alegre – RS – Brasil
Fone: (0xx51) 3346-7511
E-mail: anatm@terra.com.br

Dr. Ignácio Alves Paim Filho

Rua Felipe Néri, 457/401
90440-150 Porto Alegre – RS – Brasil
Fone: (0xx51) 3331-3825
E-mail: paimiga@brturbo.com.br